



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO COM REDAÇÃO FINAL

Versão para registro histórico

Não passível de alteração

CPI - FUNAI E INCRA			
EVENTO: Reunião Reservada	REUNIÃO Nº: 0749R/16	DATA: 29/06/2016	
LOCAL: Cidade de Ilhéus - Estado da Bahia	INÍCIO: 17h28min	TÉRMINO: 18h11min	PÁGINAS: 22

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

LARISSA SIMÕES - Assessora Técnica da Coordenação Indígena da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social do Estado da Bahia.
FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Coordenador Regional da FUNAI do sul da Bahia.
ADMAR FONTE JUNIOR - Assessor Especial da Secretaria de Justiça, de Direitos Humanos e Desenvolvimento Social do Estado da Bahia.
RODINEI ESCOBAR XAVIER CANDEIA - Procurador do Estado do Rio Grande do Sul.
MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA - Delegado da Polícia Federal.
FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Consultor Legislativo da Câmara dos Deputados.

SUMÁRIO

Tomada de depoimentos.

OBSERVAÇÕES

Reunião realizada no Ministério Público da cidade de Ilhéus, Estado da Bahia.
Há expressão ininteligível.





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Damos início à segunda oitiva de depoimentos aqui em Ilhéus, em atividade externa da equipe técnica da CPI da FUNAI e do INCRA. Ouviremos, agora, os colegas servidores da Justiça de Estado e o Coordenador Regional da FUNAI.

Gostaria de explicar para os senhores, então, qual é o ambiente em que nós estamos trabalhando. Eu sou Procurador de Estado, o Dr. Fernando é Consultor Legislativo, e o Dr. Marcelo é Delegado. Nós temos mais membros da nossa equipe apoiando, como servidores do Tribunal de Contas da União, outros consultores, enfim.

A nossa ideia é fazer esse suporte técnico para os Parlamentares. Ou seja, nós entendemos que, se ficarmos só lá em Brasília, recebendo informações ou depoimentos esparsos, a gente não consegue apurar a realidade mais dura, a realidade mais efetiva do lugar de onde se estava apreciando as denúncias.

Sugerimos, então, que fôssemos aos locais e o fizéssemos, se possível, acompanhados por Deputados. Lamentavelmente, na Bahia, não há nenhum Deputado que esteja acompanhando mais de perto as atividades técnicas — apesar de haver Deputado de dentro da CPI, participando, trabalhando. Mas a parte técnica não teve nenhum acompanhamento.

Quando possível, a gente se faz, também, acompanhar por Parlamentares, o que legitima ainda mais o nosso trabalho. Mas o nosso trabalho é técnico. A gente não decide, a gente só ouve, entende, repassa e faz os encaminhamentos, diretamente, como os senhores sugerirem. Isso é muito importante.

Agradeço pela disposição dos senhores em vir e se interessar para serem ouvidos. Nem sempre a gente consegue fazer uma agenda que seja completa. Normalmente, a gente ouve os órgãos públicos envolvidos no processo judicial, como o Ministério Público, o Juiz, e as duas partes — os indígenas e os produtores, os proprietários, enfim — que sejam atingidas.

Agora, no Mato Grosso do Sul, nós ouvimos o Coordenador da FUNAI e foi muito bom. O pessoal dos direitos humanos, também, é muito interessante porque, ao fim e ao cabo, esse é o assunto. O assunto são os direitos humanos, sob qualquer aspecto — propriedade de direito humano relacionada à dignidade da família. Só isso, não é? A questão indígena, também, é direitos humanos e está





relacionada ao direito à sua cultura, ao direito à sua vida, enfim. Essa é uma matéria difusa.

Agradeço a vinda dos senhores. Vou deixar a palavra livre para os senhores falarem, especificamente, do ambiente de cada um, dos assuntos que se relacionam e, depois, a gente vai debater. Eu só peço a gentileza de que, como a reunião não é filmada, os senhores digam os nomes antes de cada intervenção. A intervenção é livre. Então, se quiserem se ajudar, é um modo informal de nós irmos conversando.

Quem gostaria de começar?

A SRA. LARISSA SIMÕES - Então, a nossa vinda aqui...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Qual é o seu nome?

A SRA. LARISSA SIMÕES - Larissa Simões, Assessora Técnica da Coordenação Indígena da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social do Estado da Bahia. Nossa vinda foi mais no sentido de ter uma presença do Estado, não é? O Secretário-Geral e o Secretário Josias, da SERIN — Secretaria de Relações Institucionais, souberam dessa pauta de vocês aqui hoje e, inclusive, algumas lideranças, sabendo dessa pauta, ligaram para a Coordenação. Fomos destacados pela Superintendente de Direitos Humanos para cobrir o evento, só para participar mesmo do processo, colaborar no que for preciso.

Inclusive, já agradeço por vocês terem deixado que a gente tivesse um momento para poder falar, conversando. A gente veio entender o propósito da argumentação de vocês, técnicos aqui da CPI e, basicamente, saber se, no momento oportuno, vocês vão ter um momento com os índios até sexta-feira. Basicamente, é isso — e pedir encaminhamento da Secretaria.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Só respondendo, já estava na agenda toda a sexta-feira destinada a essa finalidade, está bem?

A SRA. LARISSA SIMÕES - Para ouvir?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - É. Nós gostaríamos de ouvi-los e, se me permite, dar a tarefa de que os senhores nos passem algumas coisas sobre essa realidade de fato, sobre o conflito, sobre os





problemas que os senhores enfrentam, sobre como que a gente poderia encaminhar soluções para eles, não é?

A SRA. LARISSA SIMÕES - Então, perfeito. Eu sou recém-inserida na Secretaria e na Coordenação, inclusive. Então, eu ainda estou me ambientando, mas o meu colega é o Assessor Especial que já estava cuidando, inclusive, nos cursos que temos vinha cobrindo algumas faltas. Com relação às medidas, pode nos ajudar aqui complementando a minha fala.

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Boa tarde! Meu nome é Frederico Vieira Campos. Eu estou como Coordenador Regional da FUNAI aqui no sul da Bahia, e também estou recém-chegado. Há pouco mais de 5 meses, eu estou à frente da Coordenação Regional aqui no sul da Bahia. O motivo da nossa presença aqui é justamente o que a colega Larissa falou: nós soubemos extraoficialmente da vinda dos representantes da CPI aqui, nesta visita técnica, e fomos provocados pelo indígenas a nos fazermos presentes e procurarmos saber da Comissão se haveria a possibilidade de os indígenas serem ouvidos. Circulou nas redes sociais uma agenda que, embora tenha colocado aí que estava prevista a oitiva deles, mas, no que estava sendo divulgado, não aparecia o nome dos indígenas. Então, eles nos procuraram e nos provocaram, e aí o motivo da nossa presença aqui é justamente esse: é pleitear para os indígenas uma pauta com eles. E, apesar de estar na função de Coordenador Regional, não tenho responsabilidades legais para falar sobre assuntos específicos relacionados às Diretorias ou às Coordenações-Gerais de Brasília. Mas, se a gente puder contribuir com um pouco da experiência que a gente tem daqui, da região, estando aqui há pouco mais de 5 meses, porque eu também estive com o Coordenador Regional também aqui na Região do Nordeste, em Alagoas, por mais de 6 anos, então, as realidades locais aqui são bem semelhantes. Se a gente puder contribuir, com certeza, a gente está aqui à disposição de vocês.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor é funcionário do quadro?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Não, eu estou em cargo comissionado.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quantas propriedades invadidas existem hoje aqui na região?





O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Essa informação, a gente teria que ver com o GT que está em campo. Não é possível precisar agora, porque esse levantamento ainda está sendo feito.

O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA - Uma média?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Não faço ideia. Não tenho essa informação, porque eu cheguei agora. Tem pouco tempo...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Os Procuradores que antecederam o senhor nas oitivas aqui nos disseram que, com a perspectiva desses GTs, a situação está um pouco mais sob controle. Hoje ela está mais tranquilizada?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Sim.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Não há, assim, um conflito iminente, que precise de alguma intervenção urgente?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Não que nós tenhamos conhecimento. Em princípio, sempre que existe algum encaminhamento, o desenvolvimento de alguma atividade relacionada ao levantamento fundiário, ao processo de regularização fundiária, a tendência é de que os conflitos diminuam. Sempre que tem uma equipe da FUNAI em campo, depois de um conflito, como houve aqui na região, a cobrança dos indígenas para que o processo caminhasse, então, procede, sim. Na verdade, o clima fica mais ameno.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quantas áreas indígenas há sob a sua...

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - No Estado da Bahia, são mais de 23, quase 27 povos. Na minha região aqui, são mais especificamente 3 etnias, cerca de 33 mil indígenas, que vão de Camamu até o Prado.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Quais etnias?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Pataxó, Pataxó-Hã-Hã-Hãe e Tupinambá.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor sabe a quantidade de indivíduos, quantas pessoas tem cada etnia?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Não. De cabeça, assim, eu não...





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - São 33 mil em todo o Estado?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Indígenas, isso segundo o último censo do IBGE.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Em todo o Estado?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Não. Na região.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Na região?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Na região do extremo sul.

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - Meu nome é Admar. Estou como Assessor Especial da Secretaria de Justiça, de Direitos Humanos e Desenvolvimento Social. Trabalhei na Coordenação de Proteção aos Direitos Humanos, em programas de proteção, como o PPCAAM - Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte, o PROVITA - Programa de Proteção a Vítimas e Testemunhas Ameaçadas, o PPDDH - Programa de Proteção aos Defensores de Direitos Humanos e no enfrentamento ao tráfico de pessoas e trabalho escravo. Na região, fiz alguns resgates, na parte de proteção de direitos humanos, que envolveu indígenas, como o caso do Pinduca, que foi o mais próximo. Ele foi assassinado e sua esposa morreu quase um quilômetro depois, rastejando; depois de 6, 7 horas de relógio foi resgatada uma criança de colo e, aí, a gente deu todo o suporte. Duas crianças evadiram-se para o mato, os dois filhos deles foram para o mato, conseguiram fugir e foi aí que eu comecei a intensificar a minha vinda aqui para o sul do Estado e conversar mais com os indígenas das etnias Pataxó, Pataxó Hã-Hã-Hãe e Tupinambá. Eu vim conhecer mais a vivência deles, saber o que eles produzem, como eles são, como é a relação deles com os agricultores da região, como é que está o clima. Vim para as reuniões com o GT, aqui, junto com o Tônico e outros representantes de Governo, tanto Estadual quanto Federal. E eu acho que o clima está mais apaziguado, não está tão acirrado, não, a não ser quando envolve problema de extensão de terra ou a própria utilização da mão de obra do índio, de tentar regularizá-la. E isso não só com o índio, isso é com toda a mão de obra, portanto, regular. E, aí, se o sintoma for trabalho degradante, o trabalho análogo a escravo, se a gente for investigar bem, a gente vê que tem tido muito isso na terra.





O uso da mão de obra irregular, seja do índio, seja não índio, são conflitos que, nos recortes que eu fazia na temática, através da Comissão de Erradicação do Trabalho Escravo, a gente verificou isso também aqui em Ilhéus. A gente vai ver que, nos últimos 30 dias, agora, em Ilhéus, foram resgatados, em parceria com a PF e o TEM Ministério do Trabalho e Emprego, 21 trabalhadores em trabalho análogo a escravo. Então, nessa região também tem esse problema aqui.

O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA - Só um parênteses, são condições degradantes ou trabalho escravo?

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - Degradante, análogo a escravo.

O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA - É trabalho forçado, trabalho em cárcere?

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - Em cárcere, normalmente, não foi encontrado, mas, sim, a situação de o trabalhador não ter alojamento, não ter carteira assinada, não ter salário. A comida que tinha era farinha e água. Os últimos trabalhadores foram encontrados dessa forma aqui em Ilhéus.

O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA - Foram constatadas, só para ver se eu entendi, irregularidades trabalhistas, então, que não compreendem a prática em crime.

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - Que não compreendem?

O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA - Que não envolve a parte criminal, ou foi constatado?

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - Foi constatado, foi constatado lá.

O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA - Foi instaurado inquérito?

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - Já foi encaminhado, o Ministério Público já encaminhou para a Polícia Federal.

O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA - Se foi constatado crime, aí, tem que ser instaurado inquérito na Polícia Federal.

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - Foi, foi, foi. A Polícia Federal acompanhou os três casos. Estávamos juntos numa operação, foi uma operação integrada.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu vi que o senhor tem acompanhado agora essa edição pavorosa desse assassinato. Certamente, devem ter outros e nós temos notícias também, e isso são notícias





públicas, de algumas violências graves. O próprio Ministério Público diz que investiga também, contra esses pequenos produtores rurais. A Secretaria de Direitos Humanos também se envolve na proteção dessas pessoas? Como tem sido isso nesse conflito que está havendo lá?

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - O programa de proteção, seja pelo PROVITA, em que a vítima é ameaçada de morte, ou o problema de assessoria de recursos humanos, é a vítima. O Estado da Bahia, a Secretaria de Direitos Humanos tem que ser ampla, para todo mundo. Tem, mas existe a coordenação indígena específica para cuidar do indígena, no entanto, a gente esteve aqui no GT e deixou bem claro para os agricultores que nós estávamos aqui para ouvi-los, escutar as demandas e vê de que forma a gente pode ajudá-los. A gente deixa bem claro isso. A gente quer aqui apaziguar a situação. O entendimento do Estado, do Secretário Geral, Dr. Geraldo Reis, é este: apaziguar a situação aqui no extremo sul da Bahia e verificar de que forma eles podem conviver no mesmo território, no mesmo terreno, em paz, plantando e trabalhando, tanto que teve depoimento nos GTs de pequenos agricultores e indígenas de que eles estão na mesma terra trabalhando, certo? Então, é questão de apaziguar, é questão de entendimento mesmo, consenso, o Estado chegar e conversar, alinhar, ver *“aqui só tem 10 metros, digamos, 5 metros para você, 5 metros para ti”*, aí vamos resolver isso, eu acho que é questão de resolver e tentar ter um pulso firme e mostrar interesse em ajudar esse povo. Ambos são pais de família, ambos têm família, ambos os lados têm crianças, ambos os lados têm idosos. Acho que o Estado tem que chegar e colocar um meio termo e ajudar ambas as partes. É dessa forma que a gente vai ajudar tanto os pequenos agricultores quanto os indígenas.

O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA - Uma pergunta: o cacique Babau está incluído nesse programa...? Qual...

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - PPDDH.

O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA - O senhor poderia explicar?

O SR. ADMAR FONTE JÚNIOR - Eu explico. O cacique Babau, como liderança indígena e defensor de direitos humanos, defensor do meio ambiente, defensor do povo indígena, ele se inseriu, foi pedido pelo próprio programa federal





para incluí-lo num programa estadual de direitos humanos, uma vez que ele sofreu alguns atentados. E, de fato, ficou uma lenda, uma lenda do cacique Babau. O cacique Babau, até antes de eu o conhecer também... “O cacique Babau, quem é esse cara?” Eu trabalhava no Ministério da Justiça, mas trabalhava em outro setor, e só ouvia falar em cacique Babau, cacique Babau, cacique Babau. “Quem é cacique Babau?” É preciso conhecer cacique Babau de perto para ver quem é cacique Babau, para ver quem é essa lenda. E aí fui ver como era o trabalho, fui ver como era o trabalho de agricultura, o trabalho dele. Se vocês tiverem a oportunidade de visitar a Serra do Padeiro, vocês vão ver que lá convivem índios e não índios — tem um pedaço de terra de não índios, de assentados —, convivem bem, convivem muito bem, têm uma agricultura muito boa, têm escolas, têm creches. E foi aí que fui conhecendo um pouquinho quem era Babau. Vamos conhecer o trabalho, vamos conhecer o trabalho dessa aldeia, como é que ele trabalha. Para mim, de todas as aldeias, a mais organizada que tem é a de Babau. Nada contra os outros, mas a mais organizada em questão de estrutura familiar, de escola... Ele tem... A escola lá atende tanto os indígenas como os não indígenas. Tem escola, creche. Tem tudo, tudo, tudo. E tem a (*ininteligível*), que é uma universidade nessa mesma região, ou seja, é uma evolução.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Universidade dentro da área, não é?

O SR. ADMAR FONTE JÚNIOR - É. O Babau entrou no programa por esse pedido, por ameaças de morte que ele vinha sofrendo, de atentados. Foi colocado câmara no perímetro.

O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA - Foi ele mesmo que...

O SR. ADMAR FONTE JÚNIOR - Foi o programa de proteção, quando foi para a avaliação. O Conselho é formado pelo Ministério Público, OAB, Tribunal de Justiça, Secretaria de Justiça, Secretaria de Segurança Pública e Secretaria de Direitos Humanos. Nesse colegiado, a entidade executora do programa avalia, traz essa demanda, com fotos, com relatório. E, após a aprovação desse colegiado, a vítima, o defensor tem o direito a ingressar no programa.

O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA - Eu sei como funciona o programa. Eu o conheço. E ele pediu, a situação foi julgada. Quem indicou?





O SR. ADMAR FONTE JÚNIOR - Isso aí foi antes de eu assumir a coordenação, porque fui ler o relatório, veio o pedido de Brasília, do programa federal para o programa estadual, o pedido foi para lá. E aí, após visita da entidade e consenso do colegiado, e ele ingressou.

O SR. MARCELO AUGUSTO XAVIER DA SILVA - Mas o senhor sabe o nome de quem o indicou no programa federal?

O SR. ADMAR FONTE JÚNIOR - Isso aí não é difícil, não. É só buscar o documento. A última... Eu sei que a coordenadora atual é a Fernanda Calderaro.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor poderia nos explicar como é que está funcionando esse assentamento? O senhor tem uma ideia, o senhor esteve lá. O senhor tem uma ideia da área hoje que está sob a coordenação do cacique Babau? Tem uma ideia de que área tem? A dimensão? O senhor falou em produção.

O SR. ADMAR FONTE JÚNIOR - A dimensão, assim, não sei.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Como é que eles estão produzindo, como é que está funcionando isso que o senhor disse que está muito organizado?

O SR. ADMAR FONTE JÚNIOR - De produção, eles são organizados. Eu, na realidade, para saber como é a produção, o que eu vejo é como eles fizeram com a produção de farinha, de se manter na tradição da cultura de plantação, de preservação do meio ambiente e da água do cultivo. Eles preservam isso.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O que eles plantam?

O SR. ADMAR FONTE JÚNIOR - Mandioca, cacau... Manga, abacaxi, mandioca e cacau, por causa do solo, que é bom. Estavam tentando, estavam estudando para ver se plantavam açaí.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Existe algum apoio financeiro do Governo do Estado para essa área?

O SR. ADMAR FONTE JÚNIOR - Existe financiamento, sim. Eu acho que é pela Secretaria de Desenvolvimento Rural — SDR e pela SEDUC, que têm investido lá.





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Frederico, por favor, e a FUNAI, nessas áreas que estão invadidas, a FUNAI tem dado apoio de atendimento? Como é que tem funcionado isso lá?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Na verdade, a FUNAI tem sido cada vez mais impactada no orçamento direcionado justamente à questão produtiva. Então, há 5 anos, a gente trabalhava com um orçamento de aproximadamente 500 mil reais, pra atender toda a população indígena da região — estou dando o exemplo lá de Alagoas, mas os valores são bem semelhantes —, e hoje a gente tem em média 150 mil reais de recursos produtivos previstos para serem aplicados nas terras indígenas, para as comunidades indígenas. Então, se a gente pegar 150 mil reais hoje e for dividir para toda a população, dá menos de 1 real para cada indígena. A gente não consegue efetivar nenhum tipo de projeto, a não ser quando a gente consegue aderir aos editais do Estado ou do Governo Federal. Mas a FUNAI está com muita dificuldade, por conta de recursos humanos, por conta de condições de trabalho mesmo, estrutura física e administrativa. Então, o tipo de apoio por parte da FUNAI é bem restrito, é bem irrisório.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - A diferença é que essas outras áreas, pataxó e pataxó... Como é que se pronuncia?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Pataxó hã-hã-hãe.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Hã-hã-hãe?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Isso.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Essas são áreas já regularizadas?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Pataxó hã-hã-hãe foi o caso que o Supremo decidiu agora sobre Pau Brasil, Camacan, este Município aqui. Ela está agora... Como foi publicado recentemente, se não me engano em maio, em maio ou em abril, o pagamento das benfeitorias, a resolução para o pagamento das benfeitorias de boa-fé, mas é uma área que está pacificada, porque já não tem mais não indígenas, tem pouquíssimos não indígenas nessa área agora.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O tratamento de apoio da FUNAI para as áreas regularizadas, como essa, e para essa área que





ainda está indefinida, como essa de Tupinambá, é diferente ou a FUNAI apoia os dois do mesmo modo?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Não. Depende do tipo de investimento, do tipo de apoio. O tipo de apoio... Quando a gente tem uma área regularizada, a gente pode investir em construções de alvenaria, numa área que já está regularizada. Numa área que não está regularizada, o apoio se dá por parte de sementes, ferramentas, bombas, *kits* de irrigação, coisas desse tipo, justamente porque ainda não tem a definição da...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Nós vimos, lá em Mato Grosso do Sul, a entrega de cesta básica. Vocês fazem também entrega de cesta básica nessas áreas?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Aqui na região, sim. Na verdade, na Região Nordeste quase toda, principalmente por conta da estiagem. Mas não é a FUNAI que é responsável pela entrega das cestas básicas. A FUNAI é responsável pela indicação das famílias que vão receber essas cestas. A gente indica as famílias, essas cestas básicas são fornecidas pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, através da CONAB. Até pouco tempo, a FUNAI ainda assumia essa responsabilidade sem ter essa atribuição. Existe um termo de cooperação técnica celebrado entre o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, junto com a FUNAI, o INCRA e outros órgãos, mas eu não sei nem se foi renovado agora. Estava vencido, e estavam renovando esse termo. Mas essas cestas são entregues... A FUNAI ajuda na destinação final, mas não é responsabilidade da FUNAI.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - É atribuição sua indicar para quais áreas vão ou é atribuição da FUNAI de Brasília?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Não. Na verdade, são atribuições das coordenações regionais, através das coordenações técnicas locais, que são também unidades descentralizadas, aqui na região. Ilhéus, por exemplo, tem uma coordenação técnica local, Itabuna tem outra, e a coordenação regional fica em Porto Seguro. Então, essas unidades é que fazem a avaliação para...





O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Voltando à pergunta anterior, há distinção entre cesta básica para as áreas regularizadas e para as áreas não regularizadas ou são fornecidas de modo igual?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Não. São fornecidas de modo igual.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Isso é decisão sua ou é orientação da FUNAI?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Não. Na verdade, é feita uma avaliação. Normalmente, existem os agentes indígenas de... Os AISAN, que eles chamam de agentes de saúde, fazem a avaliação das famílias que estão em situação de vulnerabilidade alimentar. Então, o correto seria que essas cestas fossem destinadas pra essas pessoas. Mas não necessariamente só essas pessoas que estão caracterizadas ali recebem, porque, justamente por conta da estiagem na região, a gente tem... Aqui em Itabuna, por exemplo, não tem água potável. A população não está bebendo água nessa região aqui, está tomando água salgada, há muito tempo. Então, eles não estão plantando, não estão produzindo. E mesmo aquelas famílias que não foram identificadas têm recebido. Sempre que chega... Porque essas cestas são disponibilizadas pelo MDS por etapas. Então, quando eles disponibilizam, eles provocam a coordenação regional, dizendo a quantidade de cestas disponíveis, e a gente provoca as coordenações técnicas locais. Mas, normalmente, os indígenas também já têm definido para quais famílias serão distribuídas.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Os agentes de saúde indígenas são vinculados à SESAI?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Isso, à Secretaria Especial de Saúde Indígena.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eles são contratados diretamente pela SESAI ou eles são terceirizados?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Não sei precisar, mas eu acredito que sejam contratados, contratos temporários.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Pela própria SESAI ou por alguma entidade não governamental?





O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Se eu não me engano, eu não sei aqui, mas, por exemplo, em Alagoas, a SESAI contratava um instituto, e o instituto contratava os indígenas.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Em todas essas áreas há agentes de saúde indígenas?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Eu acredito que sim, nas áreas que existem os postos de saúde... Essa parte da saúde, eu também não entendo.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Tanto em áreas regularizadas quanto em áreas não regularizadas?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Normalmente, o atendimento tem que ser feito independente de estar dentro ou fora de área.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - A minha pergunta é pelo seguinte. Há uma indicação da própria... Não sei se é o mesmo modelo. Se não for, o senhor me corrija. Há uma indicação por parte das lideranças indígenas ou da comunidade de quem devam ser as pessoas mais capacitadas, indígenas, para serem os agentes. Parece-me que é um...

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Normalmente, parece que eles são técnicos, eles fazem curso técnico e têm... Existem os critérios internos deles, entendeu? Tem que ser da etnia, tem que ter uma relação com todos os membros da comunidade, pra não existir distinção de atender uma família e não atender outra.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Então, os agentes, dentro de cada área, são vinculados à própria comunidade daquela área, é isso?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Normalmente, sim.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - E é o que acontece aqui na região que o senhor atende?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Eu não conheço a realidade daqui em relação a atendimento de saúde, mas eu acredito que sim.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor conhece todas as áreas?





O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Não tive nem oportunidade nem condições de conhecer todas as áreas ainda. A gente não tem nem combustível, recurso para abastecer os carros e fazer essas visitas.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Então, o senhor é um coordenador da FUNAI que não conhece as aldeias?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Não, não conheço, porque...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor me perdoe, não é nenhum demérito...

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Eu sei, parece surreal, mas a gente está numa situação de calamidade, porque o orçamento que a gente tem hoje não chega até o final do ano, entendeu? E isso não é só dentro da FUNAI, entendeu? Mas nós somos mais impactados, porque já vem num processo de sucateamento há muito tempo. Então, a gente, infelizmente, está nessa situação. Hoje a gente tem um contrato de combustível para abastecer os carros. Mas, aí, por conta de decretos do Governo Federal, a gente não pode pagar diária, não pode se deslocar, tem que ser autorizado pelo Ministro da Justiça. Então, existe hoje uma série de restrições, de medidas, de decretos, que acabam impedindo as nossas ações, entendeu? Hoje eu tenho um orçamento aqui, mas está suspenso o repasse de recursos financeiros para eu poder desenvolver uma atividade...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Que distância dá daqui de Ilhéus às áreas indígenas?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Ah, varia, varia.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - São três. Que distância dá a cada uma daqui?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Eu vou pegar de Porto Seguro pra cá, dá 350 quilômetros, mais ou menos. Aí, aqui nessa região, existem várias aldeias. A mais distante daqui de Ilhéus fica em Camamu, no Município de Camamu. Mas temos aldeias para o lado de Itaju do Colônia, Pau Brasil, Camacan, aqui em Ilhéus, Itabuna, Buerarema, Una, Teixeira de Freitas, até lá no Prado, extremo sul da Bahia. Então, são distâncias bem razoáveis, deslocamentos de 200, 300 quilômetros para uma aldeia. Na verdade, não é falta de interesse minha. Simplesmente a gente não tem condições, não dão condições para que a gente faça essa... Inclusive a





minha vinda aqui foi bem restrita. Eu tive que enxugar bem o orçamento para que Brasília me desse condições de chegar aqui.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - O senhor não é sediado aqui?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Não, eu sou sediado em Porto Seguro.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Ah, em Porto Seguro.

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Em Porto Seguro.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Daqui a Porto Seguro dá que distância?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Trezentos e cinquenta quilômetros.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Alguma pergunta?

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Sabe me informar quem é que está na coordenação do grupo técnico que está em campo nesses trabalhos?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Sei.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Quem é?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Marcelo Elihimas.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Marcelo?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Elihimas.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - São dois nomes? Elihimas é tudo junto?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - É.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Como é que se escreve esse Elihimas?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - E, L, I, H, I, M, A, S. Ele é o coordenador do grupo de trabalho que está fazendo o levantamento fundiário aqui em Tupinambá.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Esse grupo começou a trabalhar quando?





O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Eu acredito que em maio.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Deste ano?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - É, maio deste ano, continuidade dos trabalhos do ano passado.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Que já vinha sendo feito?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Que já vinha sendo feito.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - O senhor precisou que havia na ordem de 33 mil indígenas em toda a região sul, entre pataxós, pataxós hã-hã-hães — eu acho que é essa a pronúncia — e tupinambás. Especificamente sobre os tupinambás, o senhor sabe informar quantos eram precisamente?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Não sei.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Não tem ideia? Está certo. E quantas aldeias existem nessa área que está em conflito?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Qual área de conflito?

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Essa área que está demarcada. Eu acho que é toda a área que está demarcada.

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Só de tupinambás?

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Só dos tupinambás, que é a área que nós estamos...

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Não faço ideia.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Não tem ideia de quantas aldeias?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Ainda não tenho.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - A outra pergunta, acho que ela se perde, porque eu ia perguntar quais eram os líderes de cada aldeia dessas, o cacique de cada aldeia.

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Como eu falei, eu sou recente, não tive oportunidade de conhecer todas as áreas. Essas informações eu acho que os indígenas, se tiverem oportunidade...





O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - Os três caciques que se dispuseram a vir, eles respondem, as áreas eles sabem. O Babau sabe a área dele, sabe dizer as plantações, a população.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Daqui a Serra do Padeiro dá quanto tempo?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Uma hora e meia.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Uma hora e meia daqui a Serra do Padeiro?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Uma hora e meia.

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - Para quem conhece.

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - É.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Está certo. Deixe-me fazer uma colocação. Nós vínhamos com uma programação — e está na nossa programação o trabalho de campo nas terras indígenas na sexta-feira. Tínhamos reservado e estamos com a sexta-feira reservada para isso, mas vou colocar uma coisa de forma bastante clara aqui.

A Câmara nos mandou para cá e disse taxativamente que o dinheiro que nós recebemos de diárias é para cobrir hospedagem, alimentação, o deslocamento de ir e vir para aeroporto e transporte. Eu fui ver a legislação. Fala em transporte urbano. Então, eu não vou tirar a equipe de área urbana se não houver transporte. Isso está sendo gravado, é para ficar gravado mesmo. Só tiro a equipe daqui se houver transporte. Não havendo transporte, não tiro a equipe da área urbana, porque quem dá a missão dá os meios.

Em função da colocação dos senhores — eu não sei também como isso vai evoluir até sexta-feira —, parece-me que não indo para campo na sexta-feira, seria oportuna a proposta de ouvir os caciques aqui. Agora, eu preciso saber justamente — isso eu já tinha perguntado —, eu preciso saber qual é o tempo, porque eu preciso informar a vocês, se essa linha de ação for adotada, para trazerem os caciques em tempo de estarem aqui...

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Admar, é possível o Governo do Estado fornecer os meios para nós irmos até a área indígena?





O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - A gente só está com um veículo aqui. A gente veio de Salvador hoje, às 4 e meia da manhã. A gente está com uma L200. Veio eu, Larissa e o motorista. Mas, aí, a gente pode fazer a logística de trazer eles aqui. Seria muito interessante se vocês pudessem visitar a serra.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu acho muito melhor visitar o local.

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - É, ver *in loco*, né? Mas, se não... A gente tem até um pedido... O Babau não pode, está com restrição, ele não pode sair do local. Mas a gente já está com um documento para que ele possa vir aqui, caso...

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Mas a gente pode contribuir.

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - A FUNAI pode levar?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Pode.

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - Pronto. A gente pode, então, entrar em acordo. A gente liga para lá, para o pessoal...

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Eu posso tentar viabilizar um ou dois carros. E, com a contribuição deles ali, mais três carros. Seriam quantas pessoas?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu, lamentavelmente, na sexta, por causa da minha logística, porque eu sou do sul, não consigo estar lá, mas eu tenho certeza de que os colegas vão querer ir até o local.

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - Ou, se vocês quiserem inverter a pauta, amanhã de manhã a gente sobe pra Serra, e, uma hora da tarde, vocês já estão aqui de volta.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - O problema é que nós já estamos com tudo planejado.

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - É, já está planejado, pra vocês não desfazerem a agenda, pra não trocarem a agenda de vocês. Mas, se quiserem... Amanhã a gente subiria.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Eu vou fazer o seguinte: não vou fechar aqui ainda, porque, vejam, era para nós estarmos com o juiz hoje, e já jogamos o juiz para amanhã. Então, não vou fechar isso agora com vocês, tá? Nós tínhamos o juiz para ser ouvido hoje, já jogamos o juiz para amanhã,





então, vocês vejam que... Mas vou ponderar, vou fazer contatos e verificar essa possibilidade.

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - É isso que eu disse. Se a gente puder hoje, até às 10 horas da noite, definir...

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Não, até 10 horas da noite, não, porque, às 10 horas da noite eu vou estar dormindo. *(Risos.)*

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - Até 22 horas, a gente poderia resolver, porque, aí, a gente vê a questão da logística... Entramos em contato com as lideranças, e, às 15 horas, vocês já estariam aqui. A gente faria uma logística de ir para Serra, o deslocamento é de 1 hora e meia, às 9h30min estaríamos lá — acho que é conversa de 2 horas, 2 horas e meia —, a gente retornaria pra cá, e, às 15 horas, vocês já estariam na entrevista.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Agora, eu pergunto... Me deu um branco agora. Está bem. Então, nós estaríamos aqui às 15 horas?

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - Às 15 horas.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - O senhor iria conosco?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Sim.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - O senhor vai pernoitar aqui?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Vou, estou aqui até sexta, sábado.

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - Estamos todos até o final, até sexta-feira aqui com vocês.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Está certo, então. Então, eu vou anotar o telefone de vocês todos, e vou tentar organizar. Não vou dar definição agora, o.k.?

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - Certo.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Positivo.

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Só uma questão de ordem. Podemos também fazer o contato, até pra prevenir, não fechar com eles, mas informar que existe a possibilidade dessa visita.

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - Sim.





O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Perfeito.

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - Na verdade, eles se preparam também, vão lá receber vocês, aí vão fazer almoço. O almoço, eu peço a vocês que não recusem, pra não...

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Se não servirem lagartixa... (*Risos.*)

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - ...pra não constranger. Mas eles sempre pedem que a gente avise, até pra eles não... Eles gostam de receber vocês com fartura, né?

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Lembrei agora. Nós vínhamos enxergando a questão dos tupinambás de Olivença, certo? Vocês nos trouxeram também agora os pataxós. Se nós formos lá, o braço pataxó vai ficar quebrado, né?

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Mas vai ter um representante do Movimento Indígena da Bahia, que é o Zeca Pataxó, que é o cacique, que vai estar lá também.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Que estaria lá também?

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - A gente vai chamar o Zeca Pataxó, levar um do MIBA e um do MUPOIBA, que são movimentos daqui.

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - São os movimentos indígenas.

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - É o Movimento Indígena da Bahia e o Movimento dos Povos Indígenas da Bahia. O MIBA, o MUPOIBA e o Zeca Pataxó. Então, a gente chama os três, e vocês já conversam. Aí, já resolve.

A SRA. LARISSA SIMÕES - Nesse sentido, já garante a vocês ouvirem as três etnias desse lado de cá da Bahia, que é o tupinambá, o pataxó e o pataxó hã-hãe.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Seria interessante, porque os índios têm sido os menos ouvidos, em todas as circunstâncias, não é só pela CPI, não. Então, seria bastante interessante isso. Eu vou ver como é que eu me organizo, porque, aí, eu tenho que fazer contato com todas as agendas que estavam marcadas, pra poder reorganizar, está certo?





A SRA. LARISSA SIMÕES - Entendemos que vocês precisam se reorganizar, já tinha toda uma agenda prevista, já foram feitos telefonemas...

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Mas nós teremos a maior boa vontade em conciliar.

A SRA. LARISSA SIMÕES - E nós agradecemos.

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Eu não sei se os senhores têm mais alguma coisa que queiram dizer.

Primeiramente, eu quero agradecer a vinda e a boa vontade dos senhores e senhoras. Quero dizer para os senhores seguinte: não é uma ou outra vez que nós temos ouvido que a CPI é uma CPI dos ruralistas ou de alguma coisa assim. Os senhores, como nós, são funcionários públicos, e eu não tenho esse compromisso. Eu tenho compromisso com a Constituição, com a lei e com a dignidade do povo brasileiro. Então, seja indígena ou não seja indígena, é isso o que nós queremos.

Nós estamos à disposição em Brasília para qualquer pessoa que queira conversar conosco. Estamos lá no 10º andar do Anexo IV da Câmara dos Deputados. Para qualquer pessoa que quiser ir lá gravar um depoimento, fazer sugestões ou entregar documentos estamos à disposição. Nossa tarefa é levar o tema para os Parlamentares de forma mais isenta possível, de acordo com o que as nossas capacidades permitam.

Então, agradeço a boa vontade de vocês virem aqui. Se viabilizarem a ida até à área indígena, vai ser sensacional, daí, sim, vai ser a cereja do bolo para a nossa atividade técnica. Por isso, eu agradeço muito.

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Eu queria fazer uma sugestão também. Subir para Serra e ir à praia, talvez em Olivença, que seria justamente por conta dos conflitos, por conta do areal, que é aqui próximo também. Então, não seria um deslocamento tão longo. Se possível, que se pense nessa possibilidade.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - E com isso tudo até às 15 horas a gente está de volta?

O SR. ADMAR FONTE JUNIOR - No máximo às 16 horas. Se se estender para a praia, até às 16 h

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Tudo bem, porque se atrasar eu tenho que administrar com o juiz. Então, eu vou deixar marcado com o





juiz. De onde nós estivermos eu ligo para a secretária do juiz e avento já a possibilidade de haver algum atraso e tento administrar, se houver a garantia de que nos trazem sem flechadas até as 16 horas. *(Risos.)* O.k.? Está bom assim? Então, acho que nós podemos fazer assim.

O SR. FREDERICO VIEIRA CAMPOS - Com certeza, está certo. *(Risos.)*

Então, eu vou deixar eles de sobreaviso, o pessoal da Serra.

O SR. FERNANDO CARLOS WANDERLEY ROCHA - Espere a minha palavra, eu vou dar o retorno para vocês, para não atijar e depois frustrar. Então, deixe-me organizar o contexto geral, e aí eu dou a posição. Vou anotar os telefones de vocês todos, e aí eu dou posição. Ainda hoje, o mais cedo possível, mas até às 10 horas com toda a certeza. O.k.? Está bom assim?

O SR. COORDENADOR (Rodinei Escobar Xavier Candeia) - Então, agradeço a vinda de todos e dou por encerrada esta reunião.

Muito obrigado.

